

Diálogos

Diálogos - Revista do Departamento de
História e do Programa de Pós-Graduação em
História

ISSN: 1415-9945

rev-dialogos@uem.br

Universidade Estadual de Maringá
Brasil

Chang-sheng, Shu

INTERAÇÕES ENTRE MAO E OS GUARDAS VERMELHOS NA REVOLUÇÃO CULTURAL

Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, vol. 9,
núm. 3, 2005, pp. 137-166

Universidade Estadual de Maringá
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305526547015>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

INTERAÇÕES ENTRE MAO E OS GUARDAS VERMELHOS NA REVOLUÇÃO CULTURAL

Shu Chang-sheng¹

Resumo. A Revolução Cultural foi o episódio mais espetacular na história da China contemporânea. No centro desse drama estavam o Comandante vermelho- o presidente Mao, e os guardas vermelhos- jovens lutadores da revolução. Os guardas vermelhos eram, majoritariamente, alunos do ensino médio e superior dos anos de 1966-1968. Nasceram pouco antes ou depois de 1949, desde a infância, foram instruídos para odiar a velha sociedade e adorar o partido e o presidente Mao. Sob estímulo de Mao, os jovens se organizaram em pequenos grupos dos guardas vermelhos, e o movimento logo se transformou num furacão político que arrastou toda a China e colocou a nação chinesa de ponta cabeça. A extensão dessa erupção de violência dos jovens guardas vermelhos contra os "inimigos de classe" e contra os "seguidores da via capitalista" sugerem a verdadeira profundidade da frustração que estava no centro da sociedade chinesa. Os jovens precisavam de pouco estímulo de Mao para rebelar contra aqueles que restringem suas vidas. A partir de janeiro de 1967 quando os operários de Xangai tomaram o poder da cidade, o movimento dos guardas vermelhos começou a minguar. Logo, pela vontade própria ou pela pressão política, os jovens saíram da cidade para a zona rural, para receber a "reeducação" dos camponeses, o que de fato transformou-os em exilados políticos.

Palavras-chave: revolução cultural; guardas vermelhos; culto a personalidade; terror vermelho; maoismo; fanatismo utópico.

INTERACTION BETWEEN MAO AND THE RED GUARDS DURING THE CULTURAL REVOLUTION

Abstract. The Cultural Revolution was the most spectacular event in the history of contemporary China. The Red Commander, president Mao, was in the center of the dramatic events and the Red Guards, young revolutionary fighters, were secondary and tertiary students during the 1966-1968 period. They were born before or after 1949 and since their younger years they had been instructed to hate the old society and love the Party and President Mao. Under his presidency the young people organized themselves in small groups of red guards and the

¹ Professor visitante do IFCS-UFRJ, vinculado ao Laboratório de Estudos do Tempo Presente- Tempo.

movement turned out to be a political hurricane that swept around China and the Chinese nation. The extension of such violent eruption of the Red Guards against “class enemies” and against the “followers of the capitalist alternative” suggests the depth of frustration that inhabited the core of Chinese society. The young people needed only a slight stimulus from Mao to rebel against those who were restricting their lives. As from January 1967 when the Xangai workers took over the city’s administration, the Red Guards’ movement decreased. Through their own free will or through political pressure the young people went out of the city to the rural area so that they could be reeducated by the farmers. They became political exiles.

Key words: cultural revolution; red guards; personality cult; red terror; maoism; utopian fanaticism.

INTRODUÇÃO

Quando os líderes em Beijing perceberam a extensão do desastre causado pelo Grande Salto para Frente (1958-60), eles adotaram medidas emergenciais. Em junho de 1961, quando a falta de alimentos nas cidades se tornou muito grave, o governo resolveu transferir parte da população urbana para o campo, livrando-se da fome nas cidades mas agravando ainda mais a crise alimentícia na zona rural. De 1961 a 1962, mais de 20 milhões pessoas que se tinham mudado para as cidades durante o Grande Salto foram *devolvidas* para as suas aldeias. Essa transferência foi reforçada pelo racionamento urbano de praticamente todo o tipo de alimentos e materiais de consumo. Residentes urbanos receberam cupons que eram válidos apenas para a compra de itens específicos, nas localidades específicas e num prazo fixo. Os camponeses eram excluídos do sistema de racionamento urbano, não tinham acesso aos cupons, portanto, eram incapacitados de viver nas cidades.

Ao mesmo tempo, o governo adotou uma série de medidas que “amarrariam” as pessoas à sua unidade de trabalho. Operários e funcionários das empresas e os servidores públicos desde então adquiriram o direito de emprego vitalício, com benefícios, mas ao mesmo tempo perderam a liberdade de trocar o emprego. Cada empresa se responsabilizaria pela subsistência dos seus empregados - moradia, saúde, pensão, alimentação, materiais racionados, escolas para educar os filhos, atividades recreativas e etc. Como resultado, os líderes das unidades, principalmente os comissários do Partido, adquiriram enorme poder sobre as pessoas subordinadas. As unidades de trabalho se tornaram tão

fechadas e “autárquicas” que a maioria dos trabalhadores mantiveram mínimos contatos com as coisas fora da sua unidade. Nessa forma, as campanhas políticas do Partido começaram a afetar diretamente a vida de cada cidadão através das suas unidades de trabalho (chamadas pelos chineses de *dannwei*), que se tornaram interfaces entre a população e o sistema político.

O sistema de unidade urbana, reforçado pelos minuciosos cadastros residenciais tanto nas cidades como nos campos, estancou o fluxo da população rural para zonas urbanas. Esse sistema teve o efeito de dividir formalmente a China em dois mundos: uma sociedade urbana privilegiada, apoiada pelos subsídios substanciais do Estado, e uma sociedade rural excessivamente explorada, cujos membros foram excluídos dos benefícios da economia urbana.

Implementaram-se políticas conciliadoras na zona rural: dividir comunas populares em unidades menores, que se aproximavam das aldeias tradicionais; permitir lotes de terra para uso particular das famílias; liberdade de produção para as famílias; reabertura das feiras. No meio intelectual e profissional, iniciativas semelhantes foram tomadas: afrouxar o controle sobre a literatura e a arte, chamar muitos especialistas de volta para as suas posições de autoridade e anular os excessos cometidos pelo Grande Salto. Essas novas políticas começaram em 1960-1961, e até 1962, muitos dirigentes do Partido já pensavam que a próxima etapa adequada seria implantar a agricultura familiar sob a propriedade pública de terra, que de qualquer forma, já estava ocorrendo espontaneamente na província de Anhui, que havia sido arrasada pela fome. Mao deixou de comandar o país na primeira linha, e Liu Shaoqi (presidente do Estado) e Zhou Enlai (primeiro-ministro) supervisionaram o trabalho de recuperação econômica.

Não obstante, no verão de 1962, quando passou o pico da crise e a economia começou a se recuperar, Mao retornou para o primeiro plano. O ressurgimento de Mao no verão de 1962 acentuou a diferença de opiniões sobre as lições que os líderes da China haviam aprendido da devastação do Grande Salto. Para Liu Shaoqi, o putativo sucessor de Mao, o Grande Salto para Frente demonstrou de uma vez por todas que o país não podia utilizar campanhas políticas de massa para atingir metas de desenvolvimento. A sociedade tinha evoluído e se tornado complexa demais para aplicar esse método *primitivo* de implementação política desenvolvido nos dias da guerrilha revolucionária. Para Mao, a lição era diferente. Ele desistiu da idéia de usar campanhas de massa para

implementar os projetos de desenvolvimento econômico, mas ainda mantinha a fé no papel das campanhas de massa de renovar a revolução e trazer mudanças de valores à população.

De 1962 a 1965, portanto, duas agendas opostas surgiram no centro do poder. A maioria dos líderes se preocupavam em reparar os danos causados pelo Grande Salto, um trabalho que requeria medidas conciliadoras e políticas pragmáticas. Mao e alguns dos seus aliados, ao contrário, insistiam no perigo de que medidas emergenciais de reabilitação econômica poderiam desviar o país da via socialista; eles enfatizavam a necessidade de educar as massas e revolucionar a cultura do país. Evidentemente, grande parte das preocupações de Mao originou-se no processo de desestalinização da União Soviética sob a liderança de Khrushchev. Ele considerou como abandono do socialismo as medidas de desestalinização adotadas pelo líder soviético. A decisão de Khrushchev, em 1960, de retirar as equipes técnicas soviéticas da China deu maior peso à tese de Mao de que a União Soviética sob Khrushchev não era mais uma sociedade socialista. Ele ficou profundamente preocupado, pois nunca tinha contemplado a possibilidade de que uma revolução socialista pudesse ser desfeita ou degenerar para o que Mao chamaria de “revisionismo”.

Além do mais, ocupando o papel combinado de Lenin e Stalin, Mao temia sofrer o mesmo destino de Stalin depois da morte. Por conseguinte, ele começou a tomar medidas preventivas. Entre 1962 e 1965, lançou campanhas de educação socialista para alertar os chineses sobre o perigo do “revisionismo soviético” e começou a procurar os sinais “revisionistas” dos seus colegas que concordavam com políticas soviéticas.

O resultado dessas divergências políticas foi esquizofrênico. Medidas políticas foram implementadas para enfatizar iniciativas materiais, desenvolvimento coordenado, planejamento racional, respeito aos profissionais técnicos, disciplina no trabalho, hierarquia administrativa, etc. Mas, ao lado dessas políticas convencionais, o país também experimentou o acúmulo das retóricas maoístas em defesa da luta de classes perpétua, do compromisso ideológico socialista e de uma série de expurgos políticos e denúncias contra as ameaças externas dos Estados Unidos e, crescentemente, da União Soviética. Em 1964 declarou o início de um enorme programa de investimentos econômicos nas regiões montanhosas do Sudoeste - a chamada “linha terceira” ou “terceira frente”, a fim de preparar o país para uma eventual guerra com os Estados Unidos, caso as hostilidades no Vietnã se agravassem ao

ponto de se chegar a uma guerra geral. Além do mais, várias campanhas políticas intensas foram organizadas: uma campanha rural de “quatro faxinas” (faxina nos estoques, livros de contabilidade, administração e faxina na fileira dos quadros), uma segunda campanha urbana de “três anti” (antiburocratismo, anticorrupção e antidesperdício), entre as outras.

As políticas emergenciais de 1962 trouxeram uma recuperação rápida. Em 1965 a economia atingiu o nível médio de 1957 na produção, mas permaneceu um clima político relativamente tenso. Desconfiado da burocracia e das hierarquias do Partido, Mao recorreu ao terceiro pilar do país - as forças armadas. Ele confiou ao Ministro da Defesa, Lin Biao, uma campanha de doutrinação maciça sobre o pensamento de Mao Zedong no Exército da Libertação Popular - um catecismo gigantesco, baseado num “livrinho vermelho” que Lin tinha organizado com as citações dos discursos de Mao. Ao mesmo tempo, Mao também deu apoio ao desenvolvimento da bomba atômica. A China testou a sua primeira bomba nuclear em outubro de 1964. Estava preparado o terreno para Mao lançar a Revolução Cultural.

MAO LANÇOU A REVOLUÇÃO CULTURAL

No início da década de 1960, apesar dos desastres que tinha causado, Mao era ainda o líder supremo da China, idolatrado pela população; mas como eram os pragmáticos que governavam de fato o país, havia uma relativa liberdade artística e cultural. Após longa hibernação surgiu uma série de peças teatrais, óperas, filmes e romances. Ninguém criticava abertamente o Partido, e eram raros os temas contemporâneos. Nessa época, Mao estava na defensiva, e voltava-se cada vez mais para sua esposa, Jiang Qing, que tinha sido atriz na década de 1930. Os dois concluíram que os temas históricos estavam sendo usados para transmitir insinuações contra o próprio Mao.²

A ofensiva de Mao começou a partir da nova peça histórica “Demissão do Mandarin Hai Rui”, escrita pelo historiador Wu Han, que ocupava a pasta de vice-prefeito de Beijing. O protagonista desse drama era Hai Rui, um mandarim da dinastia Ming (1368-1644), que arriscava a própria vida para protestar contra o Imperador em favor do povo e foi

² Na China havia uma forte tradição de uso de alusão histórica para expressar oposição, e mesmo alusões aparentemente esotéricas eram amplamente entendidas como referências em código aos dias presentes.

demitido e exilado. Mao desconfiava de que o mandarim da Dinastia Ming estava sendo usado para representar o marechal Peng Dehuai, ex-Ministro da Defesa, que em 1959 se manifestara contra o Grande Salto para Frente (1958-1960). Jiang Qing tentou fazer com que a peça fosse denunciada; mas quando conversou com os ministros da Cultura e da Propaganda, estes se recusaram a publicar as críticas feitas por Yao Wen yuan, assessor de Jiang.³ Mao interpretou a resistência das autoridades do partido à sua convocação para uma caça às bruxas como uma indicação de que a lealdade delas para com ele estava se enfraquecendo. Percebeu que estava isolado de seus súditos pelo sistema do Partido, que tinha sido o intermediário entre ele e o povo. Mao sentiu-se ameaçado. Viu-se como um Stalin, na iminência de ser denunciado ainda vivo por um Khrushchev chinês.

Iniciou o seu desfecho nos setores da cultura e da educação, que se encontravam sob controle dos homens vistos por Mao como o “Khrushchev’s da China”, Liu Shaoqi (o presidente do Estado) e seus associados, como Deng Xiaoping (secretário-geral do partido) e Peng Zhen (prefeito de Beijing, membro do politburo). Mao obrigou Peng Zhen a criticar Wu Han, e com isso tomou de Beijing o controle da prefeitura. Reorganizou o pequeno Grupo Dirigente da Revolução Cultural (*zhong-yang wenge xiaozu*, doravante abreviado GDRC), transformando-o em sua própria equipe de assessores, que operava fora do aparato partidário.⁴ Nomeou Chen Boda (secretário político de Mao) como chefe do GDRC e Jiang Qing como vice. Kang Sheng, chefe da polícia secreta de Mao, foi designado consultor do GDRC.

Mao voltou-se para os meios de comunicação, sobretudo o *Diário do Povo*, que despejou sobre o país um editorial após outro, reafirmando a

³ Em 10 de novembro de 1965, Yao Wen yuan publicou no jornal de Xangai, *Diário de Wenbui*, “comentário sobre a nova peça histórica *Demissão de Hai Rui*”. Depois de 20 dias de resistência, o *Diário do Povo* também divulgou o artigo de Yao.

⁴ Em 1964, os líderes do partido concordaram com Mao sobre a necessidade de revolucionar a cultura do país, e em julho do mesmo ano, foi montado o “Grupo da Revolução Cultural dos 5” composto por Peng Zhen (prefeito de Beijing), Lu Dingyi (Ministro de Propaganda do Partido), Kang Sheng (chefe da polícia política de Mao), Zhou Yang (vice-Ministro da Propaganda do Partido e comissário político da Associação Chinesa dos Escritores), e Wu Lengxi (editor-chefe do *Diário do Povo*, ex-secretário de Mao). Esse “Grupo dos 5” era subordinado ao Politburo e ao Secretário-geral do Comitê Central do Partido. Em 1966, depois do expurgo de Peng Zhen, Mao reorganizou o “Grupo da Revolução Cultural”, agora composto de 7 pessoas (Chen Boda, Jiang Qing, Tao Zhu, Zhang Chun Qiao, Wang Li, Guan Feng, Qi Benyu), colocou-o sob seu próprio comando.

“autoridade absoluta” do presidente Mao e chamou os jovens para “varrer os diabos e demônios”. Mao denunciava os “intelectuais burgueses” por envenenarem a mente dos jovens com suas idéias. “Não podemos mais deixar a classe burguesa dominar as nossas escolas!”, disse o *Diário do Povo* em 16 de maio de 1966, apontando a necessidade de procurar e combater os agentes da burguesia infiltrados no PCC e até mesmo no seu mais alto escalão - pessoas do tipo de Khrushchev que estariam prestes a usurpar o poder do proletariado.⁵

O editorial de 16 de Maio do *Diário do Povo* mais tarde seria transformado em “16 pontos”, que seriam aprovados em 8 de agosto de 1966, pelo XI Plenário do VIII Comitê Central do PCC e serviriam como as diretrizes da Revolução Cultural. Os pontos 1 e 2 definem os objetivos da nova revolução - ela deveria visar os “quatro Velhos” e os quadros de direção “engajados na via capitalista”, assim como as “sumidades acadêmicas” autoritárias e elitistas. O processo deveria se basear em ampla mobilização de massas, reservando-se um papel particular aos jovens. Os pontos 3 e 4 insistem no caráter insubstituível e educativo da mobilização de massas - as massas educam-se pela ação, “aprendem lutando”. Ninguém pode impor sua vontade às massas ou restringir suas atividades revolucionárias.

Os pontos 5, 6, 7 e 8 analisam o problema dos quadros, afirmando que a grande maioria (95%) seria recuperável depois de um processo de crítica e autocrítica. O ponto 9 descreve de forma indicativa as novas estruturas políticas que deveriam surgir com a Revolução Cultural. Não há preocupação em fixar formas, ao contrário, defende o princípio da revocabilidade, a qualquer momento, dos representantes políticos eleitos. Os pontos 10, 11 e 12 referem-se ao ensino (necessidade de redução do período de escolaridade, redução e melhoria dos programas de ensino, simplificação das matérias, combinação do estudo com a produção agrícola e industrial e a arte militar, combinação do trabalho manual e intelectual) com a cultura (ampliação e aprofundamento do combate aos “quatro velhos”). O ponto 13 define a Revolução Cultural como a continuação do Movimento de Educação Socialista. O ponto 14 lembra a necessidade de não se esquecerem as tarefas da produção - “fazer a revolução e promover a produção”. Finalmente, os pontos 15 e 16 exaltam o papel dirigente do pensamento

⁵ *Diário do Povo*, 16 de maio de 1966.

de Mao Zedong e do Exército Popular de Libertação no apoio e na sustentação do movimento.⁶

SURGIMENTO DOS GUARDAS VERMELHOS

Encorajados pela “circular de 16 de maio”, depois de uma consulta com Kang Sheng, Nie Yuanzi e os outros 5 professores da Universidade de Beijing (*Beida*) colocaram um *dazibao* em 25 de maio de 1966,⁷ criticando o reitor Lu Ping por proibir as manifestações estudantis. O *dazibao* acusou a liderança de *Beida* de tratar as lutas ideológicas como se fossem simples debates acadêmicos, e de apaziguar as lutas de classe para proteger os inimigos do socialismo. Repetindo as retóricas de Mao, Nie Yuanzi e seus colegas convocaram os jovens para se libertarem das algemas revisionistas e levarem a cabo a revolução socialista.⁸

Depois de Nie Yuanzi, Kuai Dafu, aluno do curso de engenharia química da Universidade de Qinghua, também colocou *dazibaos* criticando a direção “revisionista” de *Qinghua*.⁹ Liu Shaoqi e Zhou Enlai, que estavam na “primeira linha do comando”, criticaram Nie Yuanzi por ter disparado tiros sem a ordem dos superiores, portanto atrapalhando o plano do partido. Mao, que estava no Sul do país e manipulava os bastidores, apoiou

⁶ Daniel Aarão Reis. *A Construção do Socialismo na China*. São Paulo, editora Brasiliense, 1987.

⁷ O *dazibao* é uma forma chinesa de expressão política. São grandes folhas de papel, cada uma do tamanho de uma folha de jornal, nas quais o autor escrevia suas opiniões, com tinta e pincel, para tornar o conteúdo legível de longe. Simples em forma, o *dazibao* se tornou o mais famoso e mais comum modo de expressão política na era comunista. Com um custo mínimo, o *dazibao* ajuda o autor a alcançar um grande público, porque é colocado em lugares proeminentes, tal como o quadro de anúncio da faculdade, ou um muro da cidade.

⁸ Nie Yuanzi (1921-1994), nascida numa família camponesa da província de Henan, aos 17 anos de idade ingressou no PCC. Em 1938 foi trabalhar em Yan'an. Em 1946 foi nomeada diretora do Departamento de Propaganda do Partido da Cidade de Harbin (em Manchuria). Em 1963, Nie foi nomeada vice-diretora do Departamento de Economia da Universidade de Beijing e um ano depois, comissária do Partido do Departamento de Filosofia da mesma universidade. Lançou o primeiro *dazibao* da Revolução Cultural em 25 de maio de 1966. Em novembro de 1969, participou do IX Congresso do PCC, mas logo foi exonerada dos cargos políticos. Em 1978, foi condenada a 14 anos de prisão.

⁹ Kuai Dafu nasceu em 1945, numa família camponesa da província de Jiangsu. Os pais de Kuai eram militantes do PCC. Em 1963, passou a prova de seleção para o curso de engenharia química da Universidade de Qinghua. Em 1966, liderou o movimento estudantil de Qinghua. Em dezembro de 1967, Mao mandou Kuai para trabalhar numa fábrica de cobre. Em 1970, foi preso. Em 1983, foi condenado a 17 anos de trabalhos forçados. Saiu da prisão em 1987.

os manifestantes e mandou a imprensa divulgar o *daizibao* de Nie Yuanzi. A Rádio Nacional transmitiu as mensagens de Nie Yuanzi e no dia seguinte o *Diário do Povo* (o porta-voz do partido) publicou o *daizibao* e apontou a direção de *Beida* como “revisionista”, “antipartidária” e “anti-socialista”. O jornal chamou as massas para destruírem sem piedade as “quadrilhas reacionárias” infiltradas no interior do partido. A partir daí *Beida* tornou-se o foco de atenção do país.

Para controlar as agitações, Liu Shaoqi enviou para os colégios e universidades da capital Equipes de Trabalho (*gong-zuo-zu*) para “orientar” o movimento estudantil.¹⁰ Em 8 de junho, Liu enviou para a universidade de Qinghua - outro foco de agitações estudantis - uma Equipe de Trabalho formada por 528 membros do Partido. Estes organizaram os alunos de *Qinghua* para denunciar o “revisionismo” e os “elementos antipartidários”; exoneraram o reitor, o comissário do Partido e os demais dirigentes de *Qinghua*. Mas logo em seguida, agruparam os alunos para estudar as obras de Mao e fazer autocríticas. Rapidamente, as Equipes de Trabalho conseguiram colocar ordem nas escolas, porém estreitaram a relação entre os alunos, os professores e os dirigentes das escolas e universidades.

Os debates políticos também envolveram estudantes secundaristas de Beijing. Os alunos do Colégio Secundário de Qinghua criticaram a direção da escola e denunciaram os dirigentes como “revisionistas”. Em 2 de junho, colocaram um *daizibao* no colégio, assinado por “Guardas Vermelhos”, conclamando à defesa da “autoridade absoluta do pensamento de Mao” e a “lutar até morrer pela Revolução Cultural Proletária”.¹¹ Logo, alunos dos outros colégios secundários também organizaram grupos próprios de “guardas vermelhos”.

Ao mesmo tempo, muitos estudantes enviaram cartas para o Comitê Central do Partido, reivindicando a abolição do vestibular e o acesso direto às universidades. Em 13 de junho, Mao mandou adiar por 6 meses o vestibular nacional de 1966. Em 18 de junho, o *Diário do Povo* publicou duas cartas dos alunos do Colégio Secundário de Qinghua ao presidente Mao reivindicando a paralisação das aulas para “levar a cabo a

¹⁰ Equipe de Trabalho, conhecida na China como *Gong-Zuo-zu*, na verdade, eram forças-tarefa montadas pelo Partido para investigar os casos políticos, efetivamente desempenhando o papel da *polícia política*.

¹¹ DING Xiaohu. *O Furacão dos Guardas Vermelhos: um conto de fada*. Beijing, China, Editora Central da História do Partido, 1998, p.11-15.

Revolução Cultural”, e para “reformatar por inteiro o sistema educacional”. Em consequência, todas as escolas primárias e secundárias e todas as faculdades paralisaram suas atividades didáticas e se dedicaram à “Revolução Cultural”. Os alunos, libertados das salas de aula, dirigiram toda a energia para lutar contra os reitores, os professores e as autoridades partidárias.

Em desafio às Equipes de Trabalho e sob o incentivo de Kang Sheng, Nie Yuanzi e os estudantes rebeldes montaram um palanque de comícios em 18 de junho, em *Beida*, e amarraram mais de quarenta pessoas acusadas de formarem uma “banda negra”, inclusive o reitor, os vice-reitores e os comissários do Partido. Colocaram chapéus de burro na cabeça das vítimas, pintaram seus rostos, penduraram-lhes placas no pescoço. Rapidamente, nos colégios primários e secundários e nas instituições do ensino superior surgiram ondas de luta contra os dirigentes escolares.

As Equipes de Trabalho reagiram e lançaram uma campanha de repressão aos direitistas. Em *Qinghua*, foi preso Kuai Dafu, o principal líder dos estudantes. Kuai foi acusado de “direitista” e “contra-revolucionário”; 50 alunos foram condenados como “integrantes da Quadrilha Kuai Dafu”, 500 pessoas foram obrigadas a autocriticar-se. Na repressão, duas pessoas se suicidaram. Em protesto, Kuai Dafu entrou em greve de fome.¹² Os métodos repressivos das Equipes de Trabalho lembravam a Campanha Antidireitista de 1957. Adotaram medidas vingativas contra os alunos manifestantes. Segundo uma estimativa, na cidade de Beijing, cerca de 10 mil alunos haviam sido condenados como “direitistas”.

Utilizando métodos ditatoriais, as Equipes de Trabalho reprimiram as agitações dos estudantes até 24 de julho, quando Mao retornou a Beijing, depois de 8 meses afastado da capital. Ele criticou Liu Shaoqi e mandou retirar todas as Equipes de Trabalho das escolas. No dia seguinte, numa reunião com os estudantes de *Beida*, Chen Boda elogiou a luta de Nie e seu grupo; Jiang Qing condenou as Equipes de Trabalho por atitudes *contra-revolucionárias*. Kang Sheng disse aos alunos que Mao nunca mandara Equipes de Trabalho para as escolas. Em consequência, cresceu rapidamente a hostilidade dos estudantes contra Liu Shaoqi, que comandava as Equipes de Trabalho.

¹² Tang Shaojie. “Mao Zedong e a Revolução cultural na Universidade de Qinghua”. <http://my.cnd.org/modules/wfsection/article.php?articleid=6718>.

Em 29 de julho, no Palácio da Assembléia Popular, o GDRC organizou uma conferência dos guardas vermelhos das faculdades e colégios de Beijing. Convidou o líder rebelde de *Qinghua* Kuai Dafu para a conferência e recebeu-o como herói nacional. Em consequência, a conferência se transformou num comício de luta contra as Equipes de Trabalho, o que obrigou Liu Shaoqi e Zhou Enlai a fazerem autocrítica.

PEREGRINAÇÃO E IDOLATRIA

Sabendo da ordem de Mao de anular as Equipes de Trabalho, todos os alunos se sentiram aliviados e libertados do pesadelo de serem acusados de “direitistas”. Mao não só inocentou todos os alunos, mas também se posicionou como o *patrono* do movimento estudantil, incentivando esses jovens frustrados e revoltados a lutar contra os inimigos da classe, tidos como responsáveis pelo fracasso do país, e contra os inimigos políticos de Mao, tais como Liu Shaoqi, Peng Zhen e Deng Xiaoping, responsáveis pela repressão ao movimento.

Mobilizados pelas máquinas de propaganda de Mao, porém impotentes diante das estruturas burocráticas, os alunos de todos os cantos do país começaram viajar a Beijing em busca da orientação política do Comitê Central e do próprio presidente Mao. Admiravam o movimento dos guardas vermelhos da capital e queriam aprender com os colegas de lá. Da agonia, desesperança, medo e raiva, surgiu a coragem e a esperança. Iniciou-se então a grande *peregrinação* dos alunos. Brandindo o livrinho vermelho de Mao e cantando músicas revolucionárias, os jovens invadiram ônibus, trens e outros meios de transporte e rumaram para Beijing. Ir à capital e ver o querido presidente Mao tornou-se a vontade coletiva dos jovens.

No início de agosto, milhares de alunos das províncias já estavam forçando seu caminho para a capital. Para Mao, os alunos visitantes eram fundamentais para estender a Revolução Cultural a todo o país. Por isso ele decidiu receber os guardas vermelhos. Imediatamente, pequenos fluxos de *peregrinos* se transformaram em torrentes e Beijing se tornou um oceano de guardas vermelhos. Em 15 de agosto, cerca de meio milhão de alunos, procedentes de todo o país, acamparam nos colégios, nas fábricas e nos alojamentos das universidades. As universidades de *Beida* e *Qinghua* foram os lugares mais freqüentados pelos *peregrinos*. O montante de *dazibaos* e os intermináveis comícios de lutas absorveram os visitantes adolescentes. Eles odiavam as autoridades das escolas, que se

interessavam apenas em se manter no poder e reprimiam as iniciativas dos alunos. Se não fosse o presidente Mão, que anulou as Equipes de Trabalho, todos teriam sido rotulados de “direitistas”. Foi Mao que os libertou. A gratidão e a idolatria a Mao dominavam os jovens. Eles lutariam até morrer para defender o seu querido presidente.

Com facilidade, Mao superou a oposição dos partidários, pois ele já tinha violado todas as normas processuais do Partido. O presidente “empacotou” o XI Plenário do VIII Comitê Central, no início de agosto de 1966, permitindo aos guardas vermelhos zombeteiros entrar nos balcões para calar aqueles delegados que porventura se opusessem a sua decisão. Em 4 de agosto, Mao criticou Liu Shaoqi por ter cometido um *erro político* ao reprimir o movimento estudantil. No dia seguinte, ele escreveu um *dazibao*, que e distribuiu a todos os participantes do Plenário e no qual elogiou as ofensivas de Nie Yuanzi e condenou o “terror branco” do Partido sobre as massas.¹³

Imediatamente os guardas vermelhos, inicialmente grupos informais de alunos secundaristas, entraram no centro do palco do país. Surgiram então milhares de grupos de guardas vermelhos dos setores de ensino médio e superior de todo o país. Para aquecer ainda mais o clima efervescente, Mao resolveu recepcionar os guardas vermelhos na Praça da Paz Celestial.

O dia 18 de agosto de 1966 foi uma data que jamais será esquecida pelos guardas vermelhos. Mao promoveu um comício na Praça da Paz Celestial para celebrar a “Grande Revolução Cultural do Proletariado”. Cerca de um milhão de guardas vermelhos foram chamados para participar do evento. Às cinco horas da manhã os alto-falantes tocaram a música, “Leste é vermelho”: *Vermelho é o leste. Nasceu o sol e surgiu Mao Zedong. Ele luta pela felicidade do povo, ele é o nosso grande salvador...*

Eclodiu então uma trovoadas de salvas. Acompanhado por uma enfermeira e vestido de uniforme militar, Mao apareceu no pavilhão do portão da Paz Celestial. Às 7 horas e 30 minutos começou o comício. No discurso de abertura, Chen Boda, chefe do GDRC, chamou Mao de “grande líder, grande mestre e grande timoneiro”. Lin Biao (agora o segundo homem mais importante no país) e Zhou Enlai também discursaram nesse comício. O discurso de Zhou Enlai foi relativamente moderado, mas ele jurou que seguiria fielmente o pensamento revolucionário de Mao. O discurso de Lin Biao (previamente revisado por

¹³ DING Xiaohu, p.57.

Mao) foi uma verborragia de “atacar”, “destruir”, “rebaixar”. Ele fez um chamamento à derrubada dos “seguidores poderosos da via capitalista”, dos “peritos reacionários da burguesia”, dos “monstros e diabos”.¹⁴

Do pavilhão do portão da Paz Celestial Mao assistiu ao desfile dos guardas vermelhos e recebeu os principais representantes dos guardas vermelhos da capital e das províncias. É difícil imaginar o impacto de Mao sobre esses jovens. Desde então, todos os alunos dos colégios e das universidades se vestiram de uniforme militar e colaram bradeiras vermelhas com a inscrição “guarda vermelha”. Eles jamais esqueceriam este momento de delírio, êxtase e lágrimas de felicidade.

Para repetir os efeitos de 18 de agosto, Mao atendeu os guardas vermelhos novamente em 31 de agosto, atraindo mais alunos para visitar a capital. Em 5 de setembro de 1966, o Partido decidiu organizar os professores e alunos de todo o país para visitar Beijing e assistir à Revolução Cultural na capital. Além das passagens ferroviárias, o governo central oferecia também as refeições e o transporte local durante a visita à capital. O governo municipal de Beijing se responsabilizou pelo serviço de refeições e pelo alojamento.¹⁵ Os colégios e as faculdades acolheram os *peregrinos*. As fábricas e instituições públicas também se abriram para acomodar os visitantes. As casas confiscadas dos “elementos negros” logo se tornaram alojamentos dos guardas vermelhos.

Enquanto os alunos das províncias *peregrinavam* para Beijing, os guardas vermelhos da capital também viajavam para as províncias para articular (*chuanlian*) os movimentos dos estudantes. Mao incentivou as viagens dos guardas vermelhos da capital. Em 7 de setembro de 1966, ele proibiu que os dirigentes provinciais reprimissem os guardas vermelhos vindos da capital. Em 11 de setembro, o *Diário do Povo* publicou um editorial conclamando à união dos operários, camponeses e guardas vermelhos sob a bandeira do pensamento de Mao Zedong, e proibiu qualquer pessoa de instigar os operários e camponeses contra os alunos vindos da capital.¹⁶ Encorajados por Mao, os guardas vermelhos de Beijing conseguiram vencer os bloqueios montados pelas autoridades locais e difundiram a revolução.

¹⁴ Ibid., p.63.

¹⁵ Ibid., p.97.

¹⁶ Ibid., p.122-23.

Os meses de agosto, setembro e outubro de 1966 foram caracterizados pelo fanatismo e pelo *terror vermelho*. Todos os alunos do ensino médio e do superior dos colégios e das universidades se autodenominavam guardas vermelhos. Trajavam uniforme militar com a imagem de Mao grampeada no peito e brandiam o livrinho vermelho. As estátuas de Mao apareceram nas praças públicas e nas instituições do Partido e do governo. As portas das casas e lojas também foram enfeitadas com o retrato de Mao ou com suas “palavras máximas”. As estatuetas de Mao entraram nas residências das pessoas. Até os objetos pessoais - como tigelas, bacias de lavar rosto, copos, escovas de dentes, creme dental - e as portas e painéis das casas eram pintadas com a imagem de Mao. De 1967 a 1969, mais de 80% dos jovens grampearam a imagem de Mao nas roupas. Estima-se que alguns bilhões de imagens de Mao foram fabricadas com o uso de materiais plásticos, cerâmicos, vidros, bambu, madeira, esmalte, ferro, cobre, prata e ouro.

Para manter a efervescência revolucionária, Mao recebeu em audiência os guardas vermelhos em 15 de setembro, 1º de outubro, 18 de outubro, 3 de novembro e 11 de novembro. Em 25 de novembro, a temperatura de Beijing baixou para zero grau. Apesar do frio, Mao recebeu cerca de 600 mil guardas vermelhos e no dia seguinte, pela última vez, ele recepcionou 800.000 jovens visitantes. De 18 de agosto até 26 de novembro de 1966, Mao havia recebido, por 9 vezes, um total de 13 milhões de guardas vermelhos.

Nesse mesmo período, os santuários da revolução, como Jinggang Shan (onde Mao se refugiou e iniciou a guerrilha em 1927), Yan'an (onde Mao e o PCC instalaram-se depois da Longa Marcha) e Shao Shan (a terra natal de Mao) também eram inundados de guardas vermelhos. De setembro de 1966 a janeiro de 1967, cerca de 1 milhão de guardas vermelhos viajaram para Jinggang Shan, um local montanhoso de apenas 50 mil habitantes.¹⁷ Cerca de 200 jovens peregrinos contraíram meningite e 6 morreram.¹⁸ Para alimentar 1 milhão de pessoas e proteger a saúde dos visitantes, o governo central foi obrigado a usar aviões militares para abastecer Jinggang Shan com alimentos, cobertores e remédios.

Em suma, de agosto de 1966 a fevereiro de 1967 cerca de 100 milhões de jovens viajaram para a capital, de lá para os santuários da revolução, do Sul para o Norte, do Norte para o Sul, do Leste para o

¹⁷ Ibid., p.173.

¹⁸ Ibid., p. 181.

Oeste. Usando a energia e o fervor dos estudantes, Mao espalhou a Revolução Cultural para todo o país.

LIMPEZA DE CLASSE

No discurso de 18 de agosto de 1966, Lin Biao convocou a juventude para *quebrar os quatro velhos*: “Quebraremos toda a velha cultura, os velhos pensamentos, costumes e hábitos da classe exploradora, reformaremos toda a superestrutura que não acompanha a base econômica do socialismo. Varreremos todas as pestes e demônios!” Ao concluir, Lin Biao gritou: “Sob a liderança do presidente Mao, atacaremos a velha ideologia, a velha cultura, os velhos costumes e hábitos.¹⁹ Começou uma grande cruzada contra a cultura tradicional chinesa. Um onda de vandalismo sem precedentes na história da China. Rapidamente os guardas vermelhos invadiam as casas, confiscavam e queimavam os livros e objetos antigos, espancando e humilhando as pessoas que parecessem não se conformar com o espírito das coisas e matando aqueles que tentassem resistir.

Mao tolerava e incentivava toda essa violência. Em 22 de agosto de 1966 ele aprovou um decreto do Ministério da Segurança Pública que proibiu a polícia de reprimir os movimentos revolucionários dos estudantes. Nesse decreto, a polícia foi proibida de entrar em qualquer escola para interferir no movimento dos estudantes. Além do mais, o ministro Xie Fuzhi mandou os policiais fornecerem informações aos guardas vermelhos sobre os “elementos negros” de cada bairro e ajudarem as “quebras”.²⁰

Em consequência da convivência policial a violência aumentou cada vez mais, principalmente a cometida pelos guardas vermelhos dos colégios secundários. Os teatros de Beijing se tornaram santuários dos comícios violentos contra os “intelectuais direitistas”. Em 23 de agosto, cerca de 30 escritores e atores foram amarrados e torturados no templo de Confúcio da cidade. Os guardas vermelhos penduravam placas com as inscrições “quadrilhas negras”, “peritos reacionários”, “monstros e diabos”. Raspavam os cabelos das vítimas e jogavam tinta nas cabeças

¹⁹ Ibid., p.63.

²⁰ Ibid., p.85-86.

raspadas. O escritor Lao She, de 67 anos, foi surrado até desmaiar e no dia seguinte se afogou num lago.

A partir de 20 de agosto de 1966, os guardas vermelhos de Beijing iniciaram uma Campanha de Expulsão (*qian-fan yundong*) dos “elementos negros”. As expulsões receberam o patrocínio do Comitê Municipal do Partido de Beijing. A polícia e os comitês de rua foram convocados a colaborar com os guardas vermelhos, no sentido de identificar quem devia ser expulso, e a, cancelar os cadastros residenciais das vítimas, com o que ficaria cassado o direito dessas pessoas de morar na cidade. A Companhia dos Transportes Urbanos e a Estação Central Ferroviária também receberam a ordem de levar os expulsos para fora da cidade.

Com a ajuda da polícia, os guardas vermelhos aprisionavam os “elementos negros” e obrigavam-nos a sair de Beijing dentro de três dias. Foram autorizados a ficar na cidade os filhos das vítimas que tivessem *boa* atuação política e independência econômica. Os marcados para expulsão foram obrigados a vestir roupas pretas (costuradas pela própria vítima), simbolizando “elementos negros”. Nem os guardas vermelhos sabiam para onde levariam os expulsos. O único destino conhecido era a zona rural. Por isso foi-lhes permitido levar apenas cobertores, roupas e tigelas e foi proibido levarem quaisquer objetos de valor.

Na estação ferroviária de Beijing milhares de guardas vermelhos dos diversos colégios supervisionaram a expulsão dos “elementos negros”, obrigatoriamente vestidos de casacos pretos e calças pretas. Vestidos de uniforme do exército, com chicotes e cacetetes nas mãos, formavam um corredor, dando passagem para os “elementos negros”, da mesma maneira como se fossem os senhores levando os seus escravos para o campo de trabalho. Os guardas vermelhos revistavam os expulsos antes da partida. Um velho senhor escondeu 100 yuan no casacão, foi descoberto e espancado. O xingamento dos guardas vermelhos, os choros e gritos das vítimas ecoaram na cidade por mais de um mês. Com tal grau de atrocidade, entre o fim de agosto e o final de setembro de 1966, um total de 85.198 pessoas foram expulsas da cidade de Beijing para o campo.²¹

Essa *limpeza de classe* foi elogiada pela imprensa oficial. Em 29 de agosto, o *Diário do Povo* escreveu: “Desde o surgimento dos guardas vermelhos, num curto espaço de tempo, a sociedade inteira foi sacudida. Todos os velhos costumes e hábitos da classe exploradora foram varridos. Os parasitas também não conseguiram escapar... São grandes feitos dos

²¹ Ibid., p.81.

nostros guardas vermelhos.”²² Em 31 de agosto, Mao e Lin Biao receberam pela segunda vez os guardas vermelhos na Praça da Paz Celestial. Lin repetiu a orientação de Mao: “Apoiamos vocês! Vocês sacudiram a sociedade, varreram os vestígios do velho mundo de exploração. Têm conseguido grandes resultados nas *quatro quebras*. A facção seguidora da via capitalista (no interior do partido), os peritos reacionários, os parasitas, todos foram sacudidos. Muito correto e muito bom!”²³

No campo, a violência e o terror também aguardavam os “elementos negros”. As comunas populares e as aldeias ao redor das grandes cidades tinham igualmente os seus guardas vermelhos. Para demonstrar sua adesão à revolução, eles prepararam diversos métodos para *reeducar* os “elementos negros” expulsos da capital. Por exemplo, no Gaopaidian, um pequeno ponto ferroviário na província de Hebei, dezenas de “elementos negros” expulsos de Beijing foram espancados pelos guardas vermelhos do local. Nas outras estações ferroviárias da mesma província, os guardas vermelhos locais também agrediram os “elementos negros” expulsos de Beijing. A polícia ficava de braços cruzados, pois qualquer tratamento humano para com os “inimigos de classe” significaria uma traição à própria classe.²⁴ A *limpeza de classe* logo se espalhou por todas as cidades do país, das quais inúmeras pessoas foram expulsas por terem sido etiquetadas como “elementos negros”.

A onda de violência contra os “elementos negros” teve origem na questão da *divisão de classes*. Depois da fundação da Nova China, durante a reforma agrária e a coletivização das indústrias e do comércio, o regime comunista classificava a população com etiquetas políticas, uma medida que se acreditava necessária para definir os beneficiários e as vítimas da Revolução. Em consequência disto, criou-se uma *casta dos intocáveis*, i.e., os proprietários da terra, os camponeses ricos, os contra-revolucionários e os malfeitores. A partir de 1957, depois da campanha antidireitista, essa *casta* ampliou-se com uma nova camada dos “intocáveis” - os *direitistas*. Essas pessoas eram catalogadas como “cinco elementos negros” e condenadas a uma condição social de “párias”. Os filhos destas também eram tratados como “intocáveis”: foram afastados do processo político e impedidos a cursar faculdade e receber bons empregos. Até mesmo os seus casamentos teriam que ser feitos entre os membros da mesma *casta*.

²² Ibid., p.91-2.

²³ Ibid., p.85.

²⁴ Ibid., p.92-94.

A partir de 1966, quando Mao radicalizou sua posição contra os quadros “aburguesados” do Partido, a etiqueta de classe também se tornou o critério principal para discriminar a população: nas viagens de ônibus e trem, se tornou obrigatória a apresentação do passaporte interno, onde constava o “histórico familiar” do passageiro;²⁵ nos hospitais, os pacientes eram obrigados a informar os médicos e enfermeiras sobre a sua classe. Os “elementos negros” enfrentavam o risco constante de não serem atendidos pelos médicos nos hospitais.

A *limpeza de classe* foi praticada principalmente pelos estudantes secundaristas descendentes dos “cinco elementos vermelhos”: quadros revolucionários, oficiais militares do exército, mártires da revolução, operários e camponeses pobres. Esses adolescentes nasceram e cresceram nesse ambiente de tensão social e mantinham um ódio quase instintivo contra os “elementos negros”. Eles desempenharam papel fundamental nas violências contra os professores das escolas e os “elementos negros” da sociedade.²⁶ Por sua vez, os filhos dos quadros dirigentes do partido e do governo se orgulhavam dos seus pais revolucionários, achavam seu dever seguir o exemplo dos pais e treinavam em fazer revolução para se tornarem sucessores qualificados da carreira revolucionária dos pais.²⁷ Esses alunos praticaram violências contra os “inimigos de classe” até o final de 1966, quando Mao começou a tachar os seus pais de “seguidores da via capitalista”, o que transformaria esses “filhos vermelhos” em “elementos negros”.

Em outubro de 1966, numa reunião de trabalho do Comitê Central, Mao recebeu fortes reclamações do partido quanto ao comportamento dos guardas vermelhos em todo o país, e ele mesmo afirmou que fora surpreendido pela potência do movimento. No entanto, resolveu deixá-lo desenrolar-se por um período, para “testar” os companheiros do Partido.

²⁵ Passaporte interno é uma carta de autorização que um passageiro leva consigo durante as viagens, expedida pelos representantes oficiais da unidade de trabalho à qual pertence o passageiro. Em 1985, o governo aboliu o sistema de passaporte interno, permitiu o livre trânsito no país e substituiu o passaporte pela carteira de identidade.

²⁶ Sobre as atrocidades dos alunos contra os professores, ver WANG Youqin, “Student Attacks against Teachers: the Revolution of 1966.” In MACFARQUHAR, Rodrik. *The Cultural Revolution: A Sourcebook for Foreign Cultures*, no.4, vol.1, 1997. Harvard University Press.

²⁷ Ver a carta escrita em 19 de agosto de 1966 pelos guardas vermelhos do Colégio Secundário do Instituto de Educação de Beijing, enviada ao presidente Mao. Cf. DING Xiaohu, p.260.

TOMADA DO PODER E GUERRA CIVIL

De fato, um dos objetivos de Mao na Revolução Cultural era derrubar os seus inimigos políticos, sobretudo o presidente do Estado, Liu Shaoqi. Para cumprir essa tarefa, Mao alertou o Partido e a população sobre a existência de uma “facção seguidora da via capitalista” (*zou-zhi-pai*) dentro do Partido e a necessidade de eliminá-la. Em 18 de dezembro de 1966, Zhang Chunqiao, membro do GDRC, orientou Kuai Dafu, líder dos estudantes rebeldes da Universidade de Qinghua: “Os seguidores da via capitalista ainda possuem um poder muito grande... No Comitê Central, os dois principais adeptos da linha capitalista ainda não se entregaram... Os jovens revolucionários devem levar a revolução até o fim, combater esses renegados sem piedade..”²⁸ Em 25 de dezembro de do mesmo ano Kuai Dafu organizou uma passeata na Praça da Paz Celestial, gritando: “Abaixo Liu Shaoqi!”, “Abaixo Deng Xiaoping!” e “lutar até o fim contra Liu e Deng!”.

No dia 30 de dezembro, Jiang Qing, a terceira esposa de Mao, acompanhada de seu assessor Yao Wenyan, visitou a *Qinghua* e elogiou Kuai Dafu pela sua investida contra Liu e Deng. Ao mesmo tempo, Jiang Qing convocou os filhos de Liu Shaoqi para “se suicidarem com a família” e denunciarem o pai. A partir de meados de 1967, Liu Shaoqi foi submetido a prisão domiciliar. Suspenderam o fornecimento dos medicamentos contra diabetes. Os filhos de Liu foram expulsos para o campo. A sua esposa Wang Guangmei também foi presa. Um grupo dos funcionários rebeldes construiu um muro em torno da sua residência em Zhongnanhai. Todo isso foi feito sob a orientação de Jiang Qing, vice-chefe do GDRC. Mao não fez nada para impedir essas perseguições.

Xangai é a maior cidade industrial da China, e ali a Revolução Cultural assumiu uma importância cardinal na estratégia política de Mao. Em outubro de 1966, Jiang Qing mandou Nie Yuanzi liderar um grupo de guardas vermelhos para articular os grupos rebeldes de Xangai e incentivar rebeliões contra o comitê municipal do partido. Nie Yuanzi logo viajou para Xangai, uniu diversos grupos locais e organizou o “Comitê Revolucionário dos Guardas Vermelhos”. Kuai Dafu também foi a Xangai. Em 25 de novembro, Nie Yuanzi e Kuai Dafu reuniram 10 mil guardas vermelhos locais e os vindos da capital na Praça do Povo de

²⁸ Zhang Chunqiao nunca divulgou o conteúdo dessa conversa, mas anos depois, Kuai Dafu admitiu que Zhang Chunqiao instruiu-o perseguir Liu Shaoqi e Deng Xiaoping.

Xangai, organizaram um comício de luta contra a “linha reacionária burguesa do comitê municipal de Xangai”. Os dois acusaram o Partido de Xangai de seguir uma “linha reacionária burguesa” e promoveram a derrubada do governo municipal. Eles exigiram que o jornal do partido de Xangai, *Diário da Libertação*, desse cobertura total ao comício. O jornal rejeitou a exigência dos guardas vermelhos.

A recusa do *Diário da Libertação* enfureceu os guardas vermelhos. Em 30 de novembro eles ocuparam o prédio do jornal. O “quartel-general dos operários rebeldes”, liderado por Wang Hongwen, também apoiou os guardas vermelhos. Nos bastidores, Nie Yuanzi orquestrou o cerco dos guardas vermelhos e operários rebeldes ao jornal *Diário da Libertação*, que durou 9 dias, e no final, a diretoria do jornal aceitou todas as exigências dos adversários. Depois dessa vitória contra a estrutura burocrática partidária local, em 18 de dezembro, sob a orientação de Zhang Chunqiao e Yao Wenyuan, os grupos rebeldes da prefeitura organizaram um comício de luta contra o governo de Xangai. Os principais dirigentes da cidade foram amarrados e levados para o palanque, onde sofreram humilhações públicas.

Começando em janeiro de 1967 em Xangai, grupos de guardas vermelhos, aliados com operários urbanos “revolucionários”, realmente tomaram o poder do governo municipal. “Tomar o poder” literalmente significa o seqüestro dos carimbos oficiais para impedir os governantes de receber ou despachar os documentos. Na realidade, os líderes do governo foram varridos para fora da sede do governo e um comitê dos líderes dos grupos guardas vermelhos e operários rebeldes tomou o poder e formou a chamada “Comuna de Xangai”. Essa tomada de poder rapidamente recebeu as bênçãos dos líderes da Revolução Cultural em Beijing, o que marcou o início de um processo de “captura de poder” nas províncias e cidades.

No final de fevereiro de 1967, Mao decidiu transformar a “Comuna de Xangai” num “Comitê Revolucionário”. Tais comitês, seja em grandes áreas urbanas, seja em comunidades rurais seja ainda em instituições como universidades, escolas e jornais, deveriam constituir a partir de então uma “aliança tríplice”, compreendendo representantes das massas, membros do exército e aqueles quadros que fossem julgados “corretos” em atitude e comportamento. Na prática, isso demonstrou que *Mao precisava do movimento das massas para derrubar as estruturas burocráticas, mas não para derrubar todas as autoridades. Ele era a favor da mobilização das massas, mas ao mesmo tempo temia o anarquismo inerente à sua participação revolucionária.*

Para garantir a tomada do poder, Mao resolveu envolver o ELP na Revolução Cultural. Em 23 de janeiro de 1967 foi divulgado um decreto: “O ELP deve apoiar as massas revolucionárias da esquerda”. Mas existiam dezenas de grandes facções das massas e centenas de grupos menores. Que lado o ELP deveria apoiar? Quais eram da esquerda? Por isso, o exército começou a apoiar aqueles grupos de seu próprio interesse, o que freqüentemente contrariava o interesse do GDRC.

Além do mais, a Revolução Cultural já estava contagiando as forças armadas, pois também surgiram grupos rebeldes que se posicionavam contra os seus comandantes e comissários políticos. Por exemplo, em janeiro de 1967, na região autônoma de Xinjiang, 7 grupos de rebeldes do Regimento Militar da Produção e Reconstrução atacaram as tropas regulares do regimento, tomaram as metralhadoras, fuzis, rifles, granadas e munições. No conflito, 24 pessoas morreram e 74 se feriram.²⁹

Na região autônoma de Ningxia, no processo de tomar o poder, surgiram dois grupos rivais de guardas vermelhos; ambos se autodenominam revolucionários e acusavam o rival de contra-revolucionário. Kang Sheng interferiu no conflito, mandou o exército apoiar o grupo rebelde mais radical e desarmar o grupo rival, que ele mesmo acusou de “conservador”. Os “conservadores” não se conformaram com a intervenção de Kang e invadiram o prédio do exército, causando um derramamento de sangue.

Em Harbin, capital da província de Helongjiang, os guardas vermelhos atacaram o arsenal do exército e capturaram 11 lançadores de foguetes, 20 metralhadoras mecanizadas, 40 metralhadoras comuns, centenas de fuzis, dezenas de baionetas e 7000 munições.³⁰

Em 20 de julho de 1967, na cidade de Wuhan, ocorreu um incidente que teve uma repercussão nacional. Surgiram duas facções rivais. A facção predominante “milhão do exército” tinha uma postura moderada e obteve apoio do partido municipal e do exército; a outra, menos poderosa, porém muito mais radical, chamava-se “comando operário” e obteve apoio do GDRC em Beijíng. Os dois grupos se envolveram numa guerra fratricida.

Em julho de 1967 Mao viajou para Wuhan, criticou os comandantes do exército por terem apoiado a facção moderada e mandou-

²⁹ Ibid., p.353-356.

³⁰ Ibid., p.353-356.

os libertar os líderes presos da facção radical; mas o grupo “milhão de exército” recusou-se a aceitar a decisão de Mao. Em 20 de julho invadiram o hotel onde ficavam os dois assessores de Mao, Xie Fuzhi e Wang Li, que fugiram pela porta dos fundos do hotel. O “milhão de exército” paralisou a cidade de Wuhan, cortou o fornecimento de energia elétrica e bloqueou o sistema de transporte regional. O GDRC organizou um grande comício em Beijing para condenar o “motim contra-revolucionário de Wuhan”. Em 26 de julho, Mao assinou um decreto declarando: “O incidente de Wuhan foi uma traição contra o nosso grande presidente Mao e contra o GDRC.” Em consequência da intervenção de Mao, mais de dez mil membros do Partido e do exército sofreram expurgo e muitas pessoas foram mortas ou feridas nas lutas das facções.³¹

Depois do “incidente de Wuhan”, o GDRC decidiu estender a onda de tomada de poder para dentro das forças armadas. Isto significaria uma guerra geral entre as tropas leais aos comandantes e as tropas rebeldes. Ao mesmo tempo, os guardas vermelhos de Beijing tomaram um passo ainda mais radical: incendiaram o escritório diplomático da Grã-Bretanha. Durante 1967-68 a China se fechou para o mundo exterior, e no auge desse isolamento, em 1968, o país só tinha um embaixador, trabalhando no Egito. Deterioraram-se literalmente todas as relações de Beijing com seus vizinhos, exceto o Vietnã, e o relacionamento da China com a União Soviética se tornou extremamente tenso.

Em julho, agosto e setembro de 1967 o caos político atingiu um nível sem precedente. Mao sentiu o perigo: se a situação caótica persistisse, ele perderia o apoio das massas e das forças armadas, o que enterraria o seu projeto político. Então, enquanto insistia na necessidade de os guardas vermelhos tomarem o poder das mãos dos quadros aburguesados, Mao resolveu manter a unidade das forças armadas, proteger os comandantes militares e o sistema político do Partido. Mandou prender três integrantes do GDRC, Wang Li, Guan Feng e Qi Benyu, como bodes expiatórios do extremismo.³²

³¹ Ibid., p.360-61.

³² Sobre os conflitos armados, ver também GAO Gao, YAN Jiaqi, *Dez Anos de História da Revolução cultural: 1966-1976*. Tianjin, China, Editora Popular de Tianjin (tianjin renmin chubanshe), 1986.

REEDUCAÇÃO NO CAMPO: A SAÍDA DOS GUARDAS VERMELHOS

A primavera de 1968 foi talvez o momento mais violento da Revolução Cultural, apesar de não existir estatística sólida para provar essa conclusão. Durante aqueles meses a China mergulhou num estado de guerra civil. As facções dos guardas vermelhos atacaram-se umas às outras para tomar o poder. Muitas tinham obtido armas de fogo e explosivos, e as brigas melodramáticas de alto-falantes levaram os conflitos armados ao extremo da crueldade e a assaltos sangrentos com o uso de forças mortais. Seqüestros, torturas e outros abusos dos direitos humanos se tornaram práticas cotidianas. O mundo exterior tomou conhecimento do estado de violência quando corpos amarrados, muitos degolados, começaram a flutuar no rio Pérola até Hong Kong. Ninguém em Beijing exerceu controle sobre essa orgia da violência política.

Em 1 de janeiro de 1968 todos os grandes jornais do país publicaram a ordem de Mao para “combater o facciosismo burguês e pequeno-burguês”. Mao anunciou que “a luta contra o facciosismo é um critério importante para medir o grau de militância dos revolucionários.” Em 15 de janeiro, O *Diário do Povo* publicou um artigo comentando “a natureza reacionário do facciosismo” e afirmou que “facciosismo ou não, é o critério para julgar a veracidade dos grupos revolucionários.” No dia seguinte, o mesmo jornal publicou uma reportagem sobre a unificação das duas facções numa fábrica têxtil de Beijing, intitulada “Seguir a última orientação do presidente Mao, organizar as massas para liquidar o facciosismo”.

As guerras faccionistas diminuíram, mas não desapareceram. Na Universidade de Beijing, que estava sob o controle de Nie Yuanzi e o seu grupo dominante “Comuna de Nova Beida”, surgiram vários grupos dissidentes. Em 17 de março de 1968 a facção rival atacou o comitê revolucionário dirigido por Nie Yuanzi e seqüestrou os interlocutores da Rádio Nova Beida. Em 21 de março a mesma facção invadiu a sede do comitê revolucionário de *Beida* e ocupou diversos prédios. Só com o apoio do Ministério da Segurança Pública Nie Yuanzi e sua facção conseguiram recuperar os prédios ocupados pela facção dissidente. O conflito só chegou ao fim em 26 de abril, quando, sob o corte de comida, e água e luz, os rebeldes finalmente se renderam. Morreram diversas pessoas.

O conflito na *Qinghua* durou por mais tempo. Desde 14 de abril de 1968 surgiu uma facção dissidente dentro do grupo dominante de Kuai Dafu. Cada lado atacava o adversário pela imprensa escrita e falada.

Passo a passo, essas discussões de bate-boca se transformaram em conflitos armados. Em 29 de maio de 1968 o grupo dominante decidiu atacar a facção inimiga, e logo o *campus* universitário se tornou um campo de batalha. Os dois lados empregaram tanques de fabricação caseira, usaram pistolas, rifles, metralhadoras mecanizadas, lançadores de foguete, canhões, granadas e minas. Dezenas de alunos morreram nos conflitos. A guerra entre as duas facções durou três meses e nela morreram 18 alunos. 1.100 pessoas ficaram feridas, 30 delas gravemente..³³

A população já estava exausta. A exaltação revolucionária já se dissipara, e a inércia e a indiferença haviam substituído o espírito aventureiro. As pessoas continuavam a desfilar nas ruas com a bandeira vermelha e o retrato de Mao, mas tudo isso se devia mais ao hábito do que ao entusiasmo. O Comitê Central divulgou dois decretos em 3 e 24 de julho de 1968, proibindo os conflitos armados e banindo os grupos em luta. Estes foram intimados a demolir as trincheiras e os fortes, entregar incondicionalmente as armas e munições e os materiais saqueados e punir qualquer pessoa que matasse ou roubasse os outros. Para controlar as escolas e universidades, Mao resolveu enviar “grupo dos operários para a propaganda do pensamento de Mao Zedong” (GOP).³⁴

Em 27 de julho de 1968, 30 mil operários de 60 fábricas de Beijing foram mobilizados para ocupar a Universidade de Qinghua. A primeira coluna do GOP, formada por mais de mil operários, ao chegar a Qinghua sofreu a resistência dos estudantes rebeldes. No confronto cinco operários morreram e 731 ficaram feridos. Cinco horas depois, dez mil operários, com apoio do exército, finalmente ocuparam a universidade. Semelhantemente à de Qinghua, as outras universidades também foram ocupadas pelos operários e soldados do exército. Na madrugada do dia seguinte Mao convocou uma reunião dos membros da GDRC para dialogar com os cinco líderes dos guardas vermelhos, Nie Yuanzi, Kuai Dafu, Han Aijing, Tan Houlan e Wang Dabin. Kuai Dafu reclamou: “Em primeiro lugar, o Centro [i.e., GDRC e Mao Zedong] quer encerrar o movimento dos guardas vermelhos, mas nós não queremos terminar tão cedo. Não foi o Centro que mandou prosseguir a revolução até o fim?

³³ Tang Shaojie. “Mao Zedong e a Revolução cultural na Universidade de Qinghua”. <http://my.cnd.org/modules/wfsection/article.php?articleid=6718>.

³⁴ Grupo dos Operários para a Propaganda do Pensamento de Mao - conhecido como *Gong-xuan-du* - desempenhou o mesmo papel repressivo das Equipes de Trabalho Político (*gong-zuo-zu*), enviadas por Liu Shaoqi. As ETPs duraram 50 dias em *Qinghua*, e os GOP duraram 8 anos.

Então, levaremos a revolução a cabo. Em segundo lugar, jogaram toda a culpa em cima dos guardas vermelhos. De fato, o GDRC sempre orientou as nossas atividades. Estamos sob comando direto do quartel-general proletário do presidente Mao... Em terceiro lugar, desde o fim do ano passado, os guardas vermelhos têm sofrido repressões das autoridades e do ELP. O Centro não criticou os nossos repressores. Agora somos condenados pelos excessos cometidos, mas o que o Centro estava fazendo [para evitar os nossos excessos]?³⁵

Mao disse aos representantes que fora ele mesmo quem mandara reprimir os rebeldes. Criticou o facciosismo dos guardas vermelhos. Mao anunciou que, a partir de então, quem bloqueasse o transporte ou resistisse ao exército seria tratado como bandido e combatido sem piedade. O ELP logo após assumiu o controle da administração do país, colocando os representantes militares principalmente nas escolas, fábricas, repartições públicas, hospitais, teatros, e outras unidades urbanas de trabalho. Chegara ao fim o movimento dos guardas vermelhos.

Essa mudança de posição de Mao pode ter sido motivada em parte pela invasão da Tchecoslováquia pela União Soviética, em agosto de 1968. Durante a invasão, Leonid Brezhnev declarou que a União Soviética e seus aliados tinham a obrigação de colocar no caminho socialista qualquer país que tentasse desviar-se dele. A China sentiu-se ameaçada pela essa nova doutrina de Brezhnev, e de fato com boa razão, tendo em vista o montante das forças ofensivas soviéticas, que, desde o início da Revolução Cultural, estavam sendo estacionadas ao longo das fronteiras com a China. Mao precisava restaurar a ordem e preparar o país para a guerra.

Lentamente, a situação do país se estabilizou, mas novos problemas chegaram: o desemprego dos alunos. Desde meados de 1966, quando foi abolida o vestibular, as escolas e universidades não admitiram nenhum aluno novo durante 3 anos. Nas cidades, mais de 10 milhões de alunos das classes de 66, 67 e 68 estavam aguardando trabalho. Antes de 1967, o grande número dos alunos fora da escola serviu como força fundamental para o movimento dos guardas vermelhos, mas com a entrada dos GOP nas escolas, esses jovens politizados se tornaram ameaça para a estabilidade política.

³⁵ DING Xiaohu, p.388.

Em abril de 1968 Mao mandou todos governos locais distribuírem empregos para os jovens. Porém, como fazer isso? O PIB de 1967 encolheu 10% em relação a 1966 e o PIB de 1968 encolheu 4,2% em relação a 1967 - apenas 86,6% daquele do ano 1966. As indústrias estavam em declínio consecutivo e não havia possibilidade de absorver novas mãos-de-obra. Destarte, a única saída seria a zona rural, as regiões interiores e as fazendas fronteiriças.³⁶

A partir de julho e agosto de 1968 Mao começou a incentivar os jovens a viverem com as massas, principalmente no campo, para receber a *reeducação* dos camponeses. Em 15 de novembro o governo central decretou: os alunos formados do ensino secundário das classes 1966, 1967 e 1968 deveriam deixar as escolas para receber a reeducação no campo. Em 22 de dezembro o *Diário do Povo* publicou um discurso de Mao: “Os jovens intelectuais devem ir ao campo para receber a reeducação dos camponeses pobres. O campo é um vasto mundo, ele oferece grandes oportunidades de sucesso... Os quadros do Partido devem dar um exemplo, mandando os próprios filhos para trabalhar no campo. As autoridades do campo devem receber esses jovens de braços abertos.” No mesmo dia, o jornal divulgou a notícia da cidade Lanzhou, onde 18 mil alunos formados da escola primária e secundária se ofereceram para ir ao campo, e 20 mil alunos da cidade Wuhan também foram para campo.

Rapidamente começou a onda de migração da juventude chinesa: a maioria dos 10 milhões de alunos formados do ensino médio do país foi para o campo. Em algumas regiões, muitos alunos não formados também saíram da cidade para o campo, para as regiões fronteiriças. Por vontade própria ou pela pressão política, milhões de jovens migraram da cidade para o campo, tentando levar o progresso aos camponeses e buscando de um novo sentido de vida.³⁷ Aproveitando o idealismo dos jovens, Mao lançou a campanha “Subir às montanhas e descer às aldeias” - uma estratégia do PCC para resolver os problemas de desemprego e arrefecer o ativismo político dos jovens.

³⁶ Ibid., p.390-91.

³⁷ Sobre o movimento de “subir à montanha e descer para as aldeias” (*san shan xia xiang*), dois livros são recomendados para os alunos brasileiros, BERNSTEIN, Thomas P., *Up to the Mountains and down to the villages: The Transfer of Youth from Urban to Rural China*. New Haven: Yale University Press, 1977. PAN, Yihong, *Tempered in the Revolutionary Furnace: China's Youth in the Rustication Movement*. Lanham, Maryland, Lexington Books, 2003.

OBSERVAÇÕES FINAIS

A Revolução Cultural, isto é, a “Grande Revolução Cultural Proletária”, é o episódio mais espetacular na história da China contemporânea. Esse movimento desafia as classificações simples, pois embutidos nele estavam muitos impulsos que ao mesmo tempo alimentavam-se e obstruíam-se uns aos outros. Havia a concepção de Mao de que a revolução chinesa estava perdendo ímpeto devido ao conservadorismo partidário e à burocracia, que perdera sua militância comunista. Havia também a percepção de Mao sobre sua idade avançada - estava então com 73 anos - e a preocupação de que seus colegas mais antigos estivessem tentando colocá-lo de lado. Havia as estratégias políticas daqueles que divergiam claramente de Mao em relação ao ritmo e à direção das mudanças, entre os quais estavam veteranos comunistas da alta direção governamental, como Liu Shaoqi, Deng Xiaoping, etc.

No centro desse espetáculo histórico estavam o “comandante vermelho” (Mao Zedong) e os “guardas vermelhos” (os jovens lutadores da revolução). Mao e o seu braço direito, o GDRC, lançaram a Revolução Cultural, estimularam a juventude a perseguir os seus inimigos políticos acusados de “revisionistas” e “seguidores da via capitalista”, com o que colocaram a nação chinesa de ponta-cabeça.

Os guardas vermelhos eram, majoritariamente, alunos do ensino médio e superior dos anos de 1966, 67 e 1968. Nasceram pouco antes ou depois de 1949, e desde a infância foram instruídos para odiar a velha sociedade “antropofágica”, e amar o Partido e o presidente Mao. Ansiavam realizar os mesmos feitos do adorado presidente Mao e dos heróis da revolução. À medida que a liberdade de pensamento foi sendo banida e proscrita a influência ocidental, eles eram susceptíveis ao extremo esquerdismo. Inexperientes mas cheios de impulsos, esses adolescentes logo se organizaram em pequenos grupos de guardas vermelhos, que se tornaram um furacão de 11 milhões de jovens alunos. Arrastaram todo o país e exerceram impacto sobre o resto do mundo.

Não obstante, cometeremos uma grande injustiça se identificarmos os guardas vermelhos como instrumentos de luta pelo poder. Os alunos de camadas sociais diferenciadas se associaram em pequenos grupos, sob a bandeira de guardas vermelhos, e para cada um a imagem de Mao tinha significados diferentes. Para os filhos dos “elementos negros” - aqueles afastados dos caminhos do processo político porque tinham parentes que no passado tinham tido conexões

com o Guomindang, os proprietários rurais ou os capitalistas “exploradores - a figura de Mao era símbolo da liberdade e igualdade das oportunidades. Para os jovens que tinham sido acusados de “direitistas” pelas Equipes de Trabalho enviadas por Liu Shaoqi para enquadrar o movimento estudantil, Mao era símbolo da justiça e da emancipação. Para os milhões de jovens urbanos que tinham sido mandados para o campo dentro do plano do governo para economizar o custo de fornecer grãos subsidiados para moradores das cidades, o chamamento de Mao significava uma oportunidade de retornar para a cidade e rebelar-se contra a estrutura política repressiva do país. Para aqueles que não tinham acesso ao pequeno número de escolas de elite, que tinham se tornado, na verdade, “escolas preparatórias” para os filhos de quadros partidários influentes (com a escassez de universidades na China e os complexos exames, o acesso à educação superior só estava garantida para os alunos dessas escolas elitistas) - a imagem de Mao significava o igualitarismo na distribuição das oportunidades. Finalmente, para aqueles que achavam que as posições no Partido eram monopolizadas pelos quadros rurais do tempo das guerrilhas camponesas, Mao oferecera uma oportunidade de ascensão social para os mais jovens e mais instruídos.

No outono e inverno de 1966 as lutas se tomaram mais violentas, a destruição e perda de vidas, mais terrível. Com todas as escolas e universidades fechadas para a encenação da luta revolucionária, milhões de jovens foram estimulados pelos líderes da Revolução Cultural a demolir os velhos prédios, templos e objetos de arte de suas cidades e vilas e a atacar professores, diretores de escolas e os líderes do Partido. Sob a orientação do GDR - um pequeno grupo de confidentes de Ma - o Partido foi expurgado em seus escalões cada vez mais altos, até que Deng Xiaoping e Liu Shaoqi foram ambos destituídos de seus cargos e submetidos à crítica de massa, com suas famílias perseguidas pelo terror vermelho.³⁸

A extensão dessa erupção de violência e a raiva dos jovens guardas vermelhos contra os mais velhos sugerem a verdadeira profundidade da frustração que estava no centro da sociedade chinesa. Os jovens precisavam de pouco estímulo de Mao para se levantar contra seus pais, professores, quadros partidários e os mais velhos e para executar incontáveis atos de sadismo calculado. Durante anos, tinham sido convocados a levar uma vida de sacrifício revolucionário, contenção

³⁸ Informações detalhadas sobre a revolução cultural encontram-se no livro de Wang Nianyi, *Da Dongluan de Niandai (Anos de grande tumulto)*. Zhengzhou, China, Henan Renmin Chubanshe, 1988.

sexual e obediência absoluta ao Estado, tudo sob condições de controle perpétuo. Sentiam-se reprimidos, irados e conscientes de sua impotência. Assim, aceitaram avidamente a ordem de eliminar toda a restrição, e os alvos naturais eram aqueles que pareciam restringir suas vidas. Para eles, o todo-sábio e todo-culto Mao era o salvador.

Outra explicação para a extensão da violência pode ser encontrada na natureza da política chinesa e da manipulação pessoal dos últimos dezessete anos após a revolução de 1949. Todos os chineses estavam então enredados em um sistema que controlava as pessoas, atribuindo-lhes rótulos de classe, tomando-as totalmente dependentes dos “chefes” de suas “unidades” específicas e habituando-as às campanhas maciças de terror e intimidação. Um sistema assim provocava medo e submissão. Agora os opressores estavam submetidos ao outro lado do mesmo processo.

Além do mais, apesar das reformas sociais implementadas pelo PCC, o povo chinês continuava a viver no “despotismo coletivista”. O Partido nunca deixou de criticar o “individualismo burguês”, incutindo nos jovens os valores comunistas: “crença, sacrifício, coragem, sinceridade”. A partir do momento em que Mao Zedong - o “Eterno Sol Vermelho” - chamara os jovens a “duvidar de tudo, combater tudo”, eles começaram a se livrar de todos os valores tradicionais e códigos éticos. Vivendo nos comícios, desfiles e lutas de massas, seus comportamentos se tornaram carnavalescos. Nas multidões amorfas e anônimas, o sadismo (tortura) e a violência começaram a tomar conta. Ao mesmo tempo, aumentaram as tendências da população a se agrupar para se proteger. Assim, surgiram inúmeras facções dos guardas vermelhos, competindo entre si pelo poder e pela “vermelhidão”.

No bojo desse ativismo frenético estava uma agenda política de grande significado, o que se poderia chamar de “igualitarismo absolutista”. Isso envolvia muito mais do que o confisco ou a destruição da propriedade privada: exigia-se agora a nacionalização completa de todas as indústrias, a abolição dos juros em depósitos nos bancos estatais, a expulsão de todos os senhores de suas próprias casas, a eliminação de todos os lotes privados e de todos os vestígios de economia de mercado - até a venda de um punhado de verduras feita pelo camponês pobre com seu carrinho de mão numa esquina de sua aldeia.

Em resumo, sem os “guardas vermelhos” a Revolução Cultural projetada por Mao não teria passado de uma banalizada campanha de

expurgos partidários e teria durado alguns meses no máximo; da mesma forma, sem a Revolução Cultural, os jovens estudantes teriam de aguardar uma outra oportunidade política para virar o país de ponta-cabeça. A partir de janeiro de 1967, quando os operários de Xangai tomaram o poder da cidade, os guardas vermelhos cumpriram seu papel histórico. Logo, por vontade própria e por pressões do partido, eles saíram da cidade para o campo para receber a *reeducação* dos camponeses. Mais uma vez, o Comandante Vermelho aproveitou o idealismo dos jovens, lançou a campanha de “subir às montanhas e descer para as aldeias”, o que de fato transformou milhões de jovens idealistas em exilados no campo.

O movimento dos guardas vermelhos terminou em 1969. Em abril desse ano, o PCC convocou seu IX Congresso, que declarou “vitoriosa” a Revolução Cultural. De 1966 a 1969, ela fez muito estragos mas não produziu valores duradouros. Cometendo enorme violência contra a população, especialmente nas cidades, deixou cicatrizes profundas e fissuras sociais. Apesar da falta de estatísticas, aqueles que sofreram encarceramento, lesões, ou morte certamente atingiram a casa dos milhões. O próprio PCC e muitos aparatos estatais tinham sido paralisados, com uma grande percentagem de líderes e figuras famosas de todos os níveis humilhados, destituídos de poder e forçados a exercer trabalho manual ou sofrer tratamentos piores. A economia havia se estagnado, por causa da interrupção do transporte, do declínio da disciplina dos trabalhadores e da destruição literal dos órgãos centrais de estatística econômica. Pior ainda, a inovação tecnológica estagnou quase por completo quando os impulsos nativistas do país surgiram plenamente.

A Revolução Cultural formou uma geração de jovens da China. Foram alunos das escolas secundárias e das faculdades que fecharam as salas de aula desde o verão de 1966, as quais permaneceram fechadas ou reabriram mas se alteraram radicalmente durante os três anos seguintes. Esses milhões de estudantes, portanto, passaram uma parte importante da sua adolescência nas ruas, tratando os assuntos sociais e econômicos como simples problemas políticos e resolvendo conflitos políticos através brutalidade, intolerância e fanatismo. Essa geração se tornou uma “geração marcada”, que permaneceu como um problema social e político do país nas décadas posteriores. Em 1969 e 1970, no entanto, eles foram transferidos, aos milhões, para o campo - geralmente para as regiões mais isoladas e desoladas nas fronteiras e no interior.

